

Crescimento moderado de 3 a 5%

por S. Stéfani

Este segundo semestre será mais difícil do que o foi o primeiro. Para o próximo ano, alguma melhora pode ser esperada. Nada, porém, de muito significativo — algo, talvez, em torno de 3% a 5% de crescimento. E mesmo este índice representa mais uma esperança do que propriamente uma previsão.

E isto, em síntese, o que acreditam os fabricantes de material de transporte e de autopeças, o segundo grupo do II Colóquio Multi-Sectorial Gazeta Mercantil/Fundação Getúlio Vargas/Iniciativa Privada. O grupo mostrou convicção de que o País terá dificuldade para vencer sozinho os problemas econômicos que enfrenta. Mas ficou clara forte esperança de que os países industrializados darão a ajuda necessária, em razão do peso político do Brasil na América Latina. Todos julgaram indispensável, para que isto aconteça, um amadu-



Franz Ludwig Reimer

recimento do sistema político do País, em favor da garantia da paz social, o único setor a mostrar alguma esperança de um segundo semestre melhor do que o primeiro foi o responsável pela produção de material ferroviário, que, conforme explicou João Yuasa, representante da Associação Brasileira da Indústria de Material Ferroviário (Abifer), conta com um razoável número de encomendas em carteira decorrentes de um plano de emergência recentemente elaborado pelo governo federal para socorrer os fabricantes.

“Vamos fechar este ano com uma produção de vagões cerca de 15% superior à registrada no ano passado”, disse Yuasa, acrescentando, porém, que, mesmo assim, o setor continuará operando com uma capacidade ociosa superior a 60% e, sobretudo, no caso específico das locomotivas, apenas duas unidades foram entregues entre abril e junho. “Preocupamo-nos, particularmente, a situação financeira difícil da RFFSA e da Fepasa, bem como o fato de que as encomendas em carteira de vagões não vão além do final deste ano, enquanto as de carros de passageiros se encerram no biênio 1985/86.”

No caso das montadoras, a expectativa do setor é um pouco diferente. Após um primeiro semestre fechado com perto de

20% de crescimento, em comparação com o mesmo período do ano passado, as empresas prevêem o encerramento do ano, como um todo, com um incremento de somente 5% sobre 1982. “Venderemos menos nesta segunda metade do ano, mas ainda conseguiremos fechar o período com resultado positivo”, comentou Luiz Moan Yabiku Júnior, representante da Associação Brasileira dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea).

Aguarda-se, neste segmento, simultaneamente a uma redução das vendas de automóveis, alguma recuperação do mercado de caminhões — a partir de taxas subsidiadas de juros ou de mecanismos tipo Finame — e também das vendas externas. Tál crescimento das exportações é, por sinal, esperado como decorrência de negócios realizados fora do tradicional mercado do setor, a América Latina, que é tida, em sua maioria, como inviável.

AUTOPEÇAS

Mais pessimistas do que as montadoras, os fabricantes de autopeças e dos fundidos em geral consumidos pelo setor terminal — representados, respectivamente, por Franz Ludwig Reimer, do Sindipecas, e Maneol Gomes dos Santos, da Abiffa — acreditam que a queda de vendas da indústria automobilística nesta segunda metade do ano será maior do que a que está sendo prevista pelas montadoras. Os dois setores estão preferindo trabalhar com a previsão de um crescimento das vendas de veículos, para o ano como um todo, entre zero e 5%, mais para zero.

Santos chamou a atenção para o fato de que os fabricantes de fundidos, que no início da década representavam um universo de mais de 1,2 mil empresas, não reúnem, hoje, mais que 800. “É tudo leva a crer que poderemos chegar ao final deste ano com 600”, disse.

O representante de Abiffa lembrou que as empresas de fundição estão sendo duramente atingidas pela crise porque fornecem não apenas para as montadoras como também para os fabricantes de material ferroviário, para os produtores de tratores e, ainda, para as empresas encarregadas da realização de obras de saneamento.

Reimer, por sua vez, destacou que o setor de autopeças está investindo cada vez menos. “Os investimentos deste ano representarão 50% dos feitos em 1982, quando uma queda idêntica já havia sido registrada”, comentou.

As montadoras, neste caso, representam uma exceção. Elas estão exatamente no meio de um investimento de US\$ 2 bilhões, em cinco anos, destinados à reciclagem do parque industrial e dos modelos fabricados — reciclagem a que este setor historicamente lança mão para combater suas cíclicas crises.